

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Conceição Evaristo nasceu em 29 de dezembro de 1946, numa favela situada no Alto da Avenida Afonso Pena, na zona sul de Belo Horizonte. Conciliou desde cedo o estudo com o trabalho de empregada doméstica. Com 25 anos mudou-se para o Rio de Janeiro onde cursou Letras em uma universidade federal e passou num concurso público do magistério. Hoje é mestre em Literatura Brasileira (PUC/RJ) e Doutora em Literatura Comparada (UFF), sendo uma referência em estudos sobre racismo e violência contra negros. Em 1990, publicou suas primeiras obras literárias na série *Cadernos Negros*, com poemas em que explora questões relacionadas à consciência negra; depois disso, também publicou romances e diversos poemas em *Cadernos* e outras antologias. Suas obras, com forte inclinação social, abordam principalmente temas como a discriminação racial, de gênero e de classes.

Insubmissas lágrimas de mulher de certa forma dá continuidade ao projeto estético da escritora ao focalizar uma representação “realista” do século XXI, pondo em relevo vozes femininas. Os 13 contos que compõem a obra apresentam relatos de uma personagem narradora e destacam vivências afetivas, políticas e sociais representativas de uma condição “feminina” da mulher afro-brasileira, com suas angústias, sexualidade, sonhos e conquistas. A escritora afro-brasileira-mineira, como ela mesma se apresenta, procura construir nessa obra representações de mulheres - perspectiva recorrente em poemas da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* -, mas não quaisquer mulheres: as afro-brasileiras, que já estão indicadas na gravura da capa do livro, com seus cabelos crespos, seus lábios grandes. Essas mulheres da obra são insubmissas, não aceitam condições de agressão, violência, racismo, sexismo, o que justificaria suas lágrimas, acentuadas no título do livro como fator singular dessas personagens. São insubmissas na acepção de pessoas que lutam contra regimes políticos, rebelam-se com as leis ou as acham injustas, não aceitam ordens ou não as cumprem.

Os textos são narrados na terceira pessoa, a partir da voz de uma narradora onisciente que apresenta uma linguagem simples e objetiva que permite ao leitor fazer uma análise sobre as vivências da situação da mulher brasileira, principalmente das afrodescendentes. Na introdução do livro, a autora chama suas narrativas como “escrevivência”, acentuando o caráter ficcional de suas histórias:

Invento? Sim, invento, sem menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, introdução)

Um dos contos mais instigantes da antologia é “Natalina Soledad”, que apresenta uma personagem que consegue se autonegar. A narração revela que, quando Natalina nasceu, seu pai ficou muito infeliz e decepcionado por gerar uma filha mulher e por desgosto lhe atribuiu um nome feio: Troçoleia Malvina Silveira. Com o passar do tempo, a menina foi crescendo e recebendo as expressões iguais às de seu pai, que tinha mais outros seis filhos homens e nenhum tão parecido com ele. A menina crescia solitária, em silêncio e vivia por conta; com 12 anos de idade cultivava um sentimento de desprezo por aqueles que haviam dado aquele nome e a tratavam com tanto desdenho. Em meio a tanta desilusão, ela estava “acomodada em sua solidão. Tinha um único propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. (EVARISTO, 2011, p. 23). Passou sua juventude pensando em trocar de nome, mas, somente aos 30 anos de idade, decidiu trocar de Troçoleia Malvina Silveira para Natalina Soledad. No tabelião perguntaram por quê. “- Natalina Soledad, nome o qual me chamo! Repetiu a mulher insubmissa que escolhera o seu próprio nome.”

Esse conto exemplifica a trajetória da mulher relegada, oprimida socialmente, mas que quer ser alguém, superar seus desafios, e por isso uma mulher insubmissa aos padrões que querem lhe impor. Essa luta por se constituir como um ser começa com a troca do nome, o que daria a si uma identidade, tornando-a alguém de luz, como indica o primeiro nome em alusão ao sentido de Natal. É um exemplo da resistência feminina e da demonstração das relações de poder e discriminação à mulher em um contexto patriarcal, uma perspectiva que está inerente no conjunto da obra.

Conceição Evaristo, ao relatar situações de mulheres insubmissas, registra ficcionalmente situações que muitas mulheres passam ainda em pleno século XXI, constituindo-se em uma memória de um “descaso” ao feminino que não se faz calar. Dessa forma, a leitura das narrativas contribui para o enriquecimento pessoal do leitor e para a sua compreensão do mundo contemporâneo, à medida que permite entender vivências de opressão feminina, luta por um contexto livre de preconceito ou de qualquer tipo de discriminação e ainda possibilita

formar aquele que a lê. Sobre essa interação que o livro permite com o leitor, pode-se perceber como a obra da escritora é exemplo do caráter humanizador que a literatura tem, pois, como diz Antônio Candido,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, sendo presentes nas diversas manifestações [...] Significa que ela tem papel formador da personalidade... [...] (CANDIDO, 1995, p. 243).

As narrativas da escritora permitem a reflexão do leitor acerca da condição feminina no contexto atual, promovem o conhecimento sobre vivências que nem sempre são percebidas nas relações sociais e assim colaborar para o processo de

[...] humanização... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Pela temática dos contos, pela condução precisa do narrador e especialmente pela possibilidade humanizadora que o texto da autora traz, *Insubmissas lágrimas de mulher* é uma leitura recomendada tanto para homens e mulheres de qualquer idade. São textos que registram histórias de mulheres que poderiam ser reais, que exemplificam momentos difíceis delas dentro de suas próprias casas e que ainda são estímulo para lutar contra qualquer forma de discriminação.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 11, p. 190-193, dez. 2012. Recebido em: 31 out. 2012. Aceito em: 5 dez. 2012.

Carlete Maria Thomé

Graduada em Letras e Pedagogia

Mestranda em Letras – Literatura Comparada na URI – Câmpus de Frederico Westphalen

E-mail: carlete_sc@hotmail.com